



OCTAVIA E.
BUTLER

FLEDGLING

TRADUÇÃO
HECI REGINA CANDIANI



MORROBRANCO
EDITORA

PARTE 1	11
PARTE 2	20
PARTE 3	32
PARTE 4	44
PARTE 5	57
PARTE 6	73
PARTE 7	88
PARTE 8	106
PARTE 9	125
PARTE 10	141
PARTE 11	156
PARTE 12	169
PARTE 13	184
PARTE 14	201
PARTE 15	221
PARTE 16	243
PARTE 17	257
PARTE 18	271
PARTE 19	285
PARTE 20	299
PARTE 21	313
PARTE 22	331

PARTE 23	345
PARTE 24	358
PARTE 25	374
PARTE 26	385
PARTE 27	399
PARTE 28	413
PARTE 29	422
EPÍLOGO	433
QUESTÕES PARA DISCUSSÃO	439

Acordei na escuridão.

Estava com fome, morrendo de fome! E com dor. Não havia mais nada no mundo, somente fome e dor; e mais ninguém, nenhum outro tempo, nenhum outro sentimento.

Estava deitada em uma superfície dura, irregular, que me feria. Um lado do meu corpo estava quente, ardendo. Tentei me arrastar para longe da fonte de calor, fosse o que fosse, movendo-me devagar, tateando o caminho até encontrar frescor, maciez e menos dor.

Era doloroso avançar. Era doloroso até mesmo respirar. Minha cabeça martelava, latejava, e eu a segurava entre as mãos, gemendo. O som da minha voz e até o toque de minhas mãos pareciam agravar a dor. Em dois pontos, minha cabeça parecia coberta de crostas, inchada e... quase macia.

E eu estava tão *faminta*.

A fome era uma torção violenta dentro de mim. Encolhi bem meu corpo vazio e ferido, com os joelhos contra o peito, e gemi de dor. Agarrei-me àquela coisa qualquer sobre a qual estava. Depois de algum tempo, compreendi, recordei, que estava deitada no que deveria ter sido uma *cama*. Recordei-me, aos poucos, do que era uma cama. Minhas mãos não se agarravam a um colchão, nem a travesseiros, lençóis ou cobertores, mas a coisas que não reconheci de início. Dureza, pó, alguma coisa leve e quebradiça. Gradualmente, compreendi que só podia estar deitada no chão, sobre pedra, terra, talvez folhas secas.

O pior de tudo era que não importava para onde eu olhasse, não havia nenhum indício de luz. Não conseguia enxergar minhas próprias mãos quando as estendia diante de mim. Estava mesmo tão escuro? Ou havia alguma coisa errada com meus olhos? Será que estava cega?

Fiquei no escuro, tremendo. E se estivesse mesmo cega?

Então, ouvi algo vindo em minha direção, algo grande e ruidoso, algum animal. Não conseguia vê-lo, mas depois de um instante pude sentir seu cheiro. Não era um cheiro... agradável, mas ao menos comestível. Morrendo de fome, como eu estava, não tinha condição alguma de caçar. Fiquei tremendo e gemendo enquanto a dor da fome crescia e eclipsava tudo.

Parecia possível localizar a criatura pelo ruído que ela fazia. Depois, caso não se afastasse, assustada com o ruído que eu fazia, talvez pudesse capturá-la, matá-la e comê-la.

Ou talvez não. Tentei me levantar, caí para trás, grunhindo, redescobrimo quanto todas as partes do meu corpo doíam. Fiquei imóvel, tentando manter o silêncio, tentando relaxar o corpo e não tremer. E a criatura se aproximou.

Esperei. Sabia que não era capaz de ir atrás dela, mas, se a criatura chegasse perto o bastante, eu talvez fosse capaz de pôr as mãos nela.

Depois do que pareceu ser um longo tempo, ela me encontrou. Veio até mim como um animal domesticado, e eu quase perdi o controle, tremendo e arfando, pensando apenas: *comida!* Tanta comida. Ela tocou meu rosto, meu pulso, meu pescoço, de um jeito que me causava dor a cada toque e fazendo seus ruídos característicos.

A dor da fome superava todas as outras dores. Descobri que estava forte, apesar de todos os problemas que tinha. Agarrei o animal. Ele lutou comigo, me empurrou, se debateu para

escapar, mas eu o dominei. Prendi-o, montei nele, encontrei sua garganta, provei seu sangue, senti o odor do seu medo. Apertei a garganta dele com os dentes até que ele desabasse. Depois, por fim, me alimentei, empanturrei-me da carne fresca de que precisava.

Comi tanta carne quanto pude. Então, com a fome saciada e a dor atenuada, dormi junto ao que restou de minha presa.

Quando acordei, a escuridão começou a ceder. Pude ver a luz outra vez, e pude ver formas embaçadas, sombrias, que bloqueavam a luz. Não sabia o que eram as formas, mas podia vê-las. Comecei a acreditar, então, que meus olhos tinham sido feridos de algum modo, mas que estavam se curando. Depois de algum tempo, houve luz demais. Ela queimava, não apenas meus olhos, mas minha pele.

Virei de costas para a luz, arrastei-me com minha presa, entrando na escuridão fria que parecia estar tão perto de mim, mas que precisei de muito esforço para alcançar. Quando havia chegado longe o bastante para escapar da luz, eu me alimentei de novo, dormi de novo, acordei e me alimentei. Perdi a conta de quantas vezes fiz isso. Mas, depois de um tempo, algo pareceu estar errado com a carne. Começou a cheirar tão mal que, mesmo com fome, não consegui me forçar a tocar nela outra vez. Na verdade, o cheiro estava me deixando enjoada. Precisei me afastar. Lembrei-me do suficiente para entender que estava apodrecendo. Carne apodrecia depois de certo tempo, fedia, e os insetos se infiltravam nela.

Eu precisava de carne fresca.

Meus ferimentos pareciam estar cicatrizando e era mais fácil circular. Conseguia enxergar bem melhor, em especial quando não havia tanta luz. Cheguei a me lembrar, em algum momento durante uma de minhas refeições, que o período

menos iluminado se chamava noite e que eu a preferia ao dia. Não estava apenas me curando, estava me lembrando das coisas. E agora, pelo menos durante a noite, eu podia caçar.

Minha cabeça ainda doía, em uma pulsação monótona, na maior parte do tempo, mas a dor era suportável. Não era a agonia que fora.

Fiquei encharcada assim que rastejei para fora do abrigo, onde os restos da minha presa ficaram apodrecendo. Sentei-me imóvel por um tempo, sentindo a umidade; a água caindo em minha cabeça, costas e colo. Depois de um tempo, entendi que estava chovendo — chovendo muito forte. Não me lembrava de ter sentido a chuva na pele antes: água caindo do céu, golpeando gentilmente minha pele.

Decidi que gostava disso. Levantei-me devagar, cada joelho protestando contra o movimento com explosões independentes de dor. Uma vez em pé, fiquei imóvel por algum tempo, em uma tentativa de me acostumar a manter o equilíbrio sobre as pernas. Apoiei-me nas rochas que por acaso estavam perto e observei o entorno, tentando entender onde eu estava. Encontrava-me na encosta de uma colina, da qual se erguia uma massa sólida e vertical de rocha. Tive de olhar para tudo aquilo, deixar que a visão me lembrasse de como se chamavam... a encosta, o penhasco, as árvores (pinheiros?) que cresciam na colina até a parede escarpada de rocha. Vi tudo isso, mas ainda assim não tinha ideia de onde estava ou onde deveria estar, como fui parar ali ou mesmo por que estava ali: havia muitas coisas que eu não sabia.

A chuva ficou mais forte. Ainda me parecia agradável. Deixei-a lavar o sangue da minha presa e o meu, deixei-a limpar a crosta de sujeira do lugar onde estivera deitada, que grudara em mim. Depois de um pouco mais limpa, juntei as

mãos em concha, peguei água e bebi. Foi tão bom que passei muito tempo só pegando chuva e bebendo.

Depois de algum tempo, a chuva diminuiu e decidi que era hora de partir. Comecei a descer a colina. No começo, não foi uma caminhada fácil. Meus joelhos ainda doíam e era difícil manter o equilíbrio. Parei uma vez e olhei para trás. Então, pude ver que tinha saído de uma caverna rasa da encosta. Estava quase invisível agora, escondida atrás de uma cortina de árvores. Tinha sido um bom lugar para me esconder e me curar. Aquele lugarzinho escondido me manteve em segurança. Mas como fui parar lá? De onde vim? Como me feri e acabei sozinha, morrendo de fome? E agora que estava melhor, para onde deveria ir?

Vaguei, sem pensar em ir a nenhum lugar específico, exceto colina abaixo. Não conhecia nenhuma outra pessoa, não conseguia me lembrar de nenhuma outra pessoa. Franzia a testa, avançando com cuidado entre as árvores, os arbustos e as pedras do chão molhado. Já estava reconhecendo as coisas, ao menos as categorias: arbustos, pedras, lama... Tentei me lembrar de algo mais a meu respeito... Qualquer coisa que tivesse acontecido comigo antes de acordar na caverna. Absolutamente nada me ocorreu.

Enquanto caminhava, de repente me ocorreu que meus pés estavam nus. Eu andava com cuidado, sem pisar em nada que me machucasse, mas naquele momento pude ver e entender que meus pés e pernas estavam nus. Soube que deveria estar de sapatos. Na verdade, soube que deveria estar vestida. Mas estava totalmente nua. Sem nada.

Parei e me olhei. Meu corpo tinha cicatrizes, muitas cicatrizes por todas as partes que eu conseguia enxergar. As cicatrizes eram grandes, marcas enrugadas e brilhantes de

manchas marrom-avermelhadas. Sempre tive cicatrizes? Meu rosto tinha cicatrizes? Toquei em uma das grandes em meu abdômen, depois toquei em meu rosto. A sensação era a mesma. Talvez meu rosto estivesse cheio de cicatrizes. Imaginei qual seria minha aparência. Apalpei a cabeça e descobri que quase não tinha cabelo. Eu a apalpara esperando cabelo. Mas eu estava careca, exceto por uma pequena mecha na parte de trás da cabeça. E no topo havia uma região disforme, uma reentrância que doeu ao toque e que parecia ainda mais grave do que a calvície ou as cicatrizes. Lembrei-me de quando descobri, quando estava na caverna, que minha cabeça parecia irregular e macia em dois pontos, como se a carne tivesse sido danificada e o crânio quebrado. Não havia maciez agora. A cabeça, como o resto de mim, estava se curando.

Eu havia me machucado muito, de alguma forma, mas não conseguia me lembrar como.

Precisava me lembrar e precisava me proteger. A nudez me parecera completamente normal, até me conscientizar dela. Depois, pareceu intolerável. Mas o mais importante era que precisava comer de novo.

Retomei a caminhada encosta abaixo. Enfim, cheguei a um terreno mais plano e aberto... Terra cultivada com algo crescendo em alguns dos campos e outros campos onde a colheita já havia sido feita, ou abandonados por algum outro motivo. Estava mais uma vez me recordando de coisas, fragmentos, compreendendo um pouco do que via, talvez apenas porque via.

De um lado havia um ajuntamento do que, aos poucos, reconheci como os restos incendiados de várias casas e construções anexas. Todas elas estavam tão queimadas que, pelo que via, não ofereciam nenhum abrigo real. Aquela tinha sido uma aldeiazinha cercada por terras agrícolas e bosques. Havia

currais de animais e os aromas agradáveis de animais que podiam ser comidos, mas os currais estavam vazios. Pensei que o lugar já tinha sido um lar confortável para várias pessoas. Parecia certo. Parecia algo de que eu gostaria: viver com outras pessoas em vez de vagar só. A ideia era um pouco assustadora, no entanto. Eu não conhecia nenhuma outra pessoa. Sabia que existiam, mas pensar nelas, imaginá-las, me assustava quase tanto quanto me interessava.

Pessoas tinham vivido naquelas casas em algum momento, não muito tempo antes. Agora, plantas tinham começado a crescer e a cobrir os locais incendiados. Onde estavam as pessoas que tinham morado ali? Eu tinha morado ali?

Ocorreu-me que vagara até lá esperando matar um animal e comê-lo. De alguma forma, eu esperava encontrar comida ali. E, mesmo assim, não lembrava de nada sobre o lugar. Não reconhecia nada além da forma mais genérica: currais de animais, campos, restos incendiados de construções. Por que esperava encontrar comida ali? Como eu sabia que deveria ir para lá? Ou eu já havia visitado o lugar antes ou era ali minha morada. E se fosse minha morada, por que não a reconheci como tal? Será que meus ferimentos eram do incêndio que destruíra esse lugar? Eu tinha uma torrente interminável de perguntas e nenhuma resposta.

Afastei-me, querendo voltar para o meio das árvores e caçar um animal... Um cervo, pensei de repente. A palavra invadiu meus pensamentos e, de repente, soube o que era um cervo. Era um animal grande. Forneceria carne para várias refeições.

Então, parei. Mesmo com toda a fome que tinha, quis descer para olhar mais de perto as casas incendiadas. Elas deviam ter algo a ver comigo, ou não prenderiam meu interesse dessa maneira.

Desci em direção às construções incendiadas. Talvez pudesse, ao menos, encontrar alguma coisa para vestir. Não estava com frio. Nem mesmo a caminhada na chuva me deixou com frio, mas eu queria roupas com urgência. Sentia-me muito vulnerável sem elas. Não queria estar nua quando encontrasse outras pessoas, e achei que precisaria, mais cedo ou mais tarde, encontrar outras pessoas.

Oito dos prédios eram casas grandes. As lareiras, pias e banheiras me revelaram isso. Passei por cada uma delas esperando avistar algo familiar, algo que desencadeasse uma memória, uma memória sobre pessoas. Em uma delas, sob uma pilha de escombros carbonizados, encontrei jeans que estavam só um pouco queimados na ponta das pernas, e encontrei três camisas levemente queimadas que eram usáveis. Era tudo grande demais, em todos os sentidos, muito largo, muito comprido... Outra pessoa do meu tamanho caberia facilmente dentro das camisas comigo. E não havia roupas íntimas usáveis, nem sapatos usáveis. E, óbvio, não havia nada para comer.

Saciar a fome tornou-se, de repente, mais importante do que tudo. Vesti a calça e duas camisas. Usei a outra camisa para sustentar a calça, amarrando-a na cintura, e dobrando sobre ela a parte de cima da calça. Enrolei as pernas e voltei para as árvores. Depois de algum tempo, farejei uma corça. Persegui-a, matei-a, comi o máximo da carne que consegui. Levei parte da carcaça para cima de uma árvore comigo, a fim de guardá-la a salvo de animais necrófagos. Dormi na árvore por um tempo.

Então, o sol nasceu, queimando minha pele e meus olhos. Desci e usei um galho de árvore e as mãos para cavar uma vala rasa. Quando terminei, deitei-me e cobri-me com serapilheira e terra. Isso e minhas roupas (coloquei uma das camisas dobrada sobre o rosto) resultaram em um bom abrigo da luz do sol.

Vivi assim pelos três dias e noites seguintes, comendo, caçando, examinando as ruínas durante a noite, e me escondendo na terra durante o dia. Às vezes, dormia. Às vezes, ficava em vigília ouvindo os sons à minha volta. Não conseguia identificar a maioria deles, mas escutava.

Na quarta noite, a curiosidade e a inquietação me venceram. Tinha começado a sentir uma insatisfação, uma avidez por algo que não fosse carne de cervo. Não sabia o que desejava, mas saí para procurar. Pela primeira vez que consigo recordar, encontrei outra pessoa.

AMOSTRA

2

Estava chovendo outra vez, uma chuva constante e fina que vinha caindo havia algum tempo.

Eu tinha descoberto uma estrada pavimentada que ia além das casas incendiadas. Havia caminhado por ela durante certo tempo antes de me lembrar da palavra “estrada”, que me levou a lembrar de carros e caminhões, embora eu ainda não tivesse visto nenhum dos dois. A estrada em que estava conduzida a um portão de metal, que escalei e pulei, depois para outra estrada um pouco mais larga, e tive de escolher uma direção. Escolhi a direção em declive e caminhei por algum tempo com satisfação, até chegar a uma terceira estrada, ainda mais larga. Mais uma vez, optei por descer a ladeira. Era mais fácil caminhar à beira da estrada do que abrir caminho entre rochas, árvores, arbustos e riachos, ainda que, sob meus pés descalços, o pavimento fosse inclemente.

Um carro azul apareceu na estrada, atrás de mim, e me aproximei bem de uma das margens para poder vê-lo e para que ele pudesse passar sem me atingir. Não podia ter sido o primeiro carro que eu via. Soube disso porque o reconheci como um carro e não vi nada de surpreendente nele. Mas era o primeiro carro que me lembrava de ter visto.

Fiquei surpresa quando o carro parou ao meu lado.

No início, a pessoa ali dentro era só um rosto, ombros, duas mãos. Então entendi que estava vendo um homem jovem, de pele clara, cabelos castanhos, grande e alto. Seu cabelo roçava o teto do carro. Os ombros eram tão largos que, mesmo ele

estando sozinho, o carro parecia apinhado. O carro parecia tão inadequado para ele quanto minhas roupas eram inadequadas para mim. Ele baixou o vidro da janela, olhou para mim e perguntou:

— Você está bem?

Ouvi as palavras, mas, de início, elas não significaram nada. Eram ruídos. Depois de um instante, porém, pareceram fazer sentido como linguagem. Compreendi-as. Demorei mais um instante até perceber que deveria responder. Não conseguia me lembrar de já ter conversado com outra pessoa e, a princípio, não tinha certeza se conseguiria.

Abri a boca, limpei a garganta, tossi e por fim consegui dizer.

— Eu... estou. Sim, estou bem. — Minha voz soou estranha e rouca aos meus ouvidos. Não era apenas que eu não conseguia me lembrar de conversar com alguém. Eu não conseguia me lembrar de já ter falado antes. No entanto, pelo visto, sabia como fazê-lo.

— Não está, não — disse o homem. — Você está ensopada e suja, e... Meu Deus, quantos anos você tem?

Abri a boca e logo a fechei de novo. Eu não fazia ideia de quantos anos tinha ou por que minha idade deveria ter importância.

— É sangue, isso na sua camisa? — perguntou ele.

Olhei para baixo.

— Eu matei um cervo — respondi. Ao todo, tinha matado dois cervos. E havia sangue deles nas minhas roupas. A chuva não o eliminou.

O homem me encarou por vários segundos.

— Escute, tem algum lugar para onde eu possa levar você? Você tem família ou amigos em algum lugar por aqui?

Balancei a cabeça.

— Não sei. Acho que não.

— Você não deveria estar aqui no meio da noite, na chuva!
— afirmou. — Você não pode ter mais do que dez ou onze anos. Para onde está indo?

— Só andando — respondi, porque não sabia mais o que dizer. Para onde eu estava indo? Para onde ele imaginava que eu deveria ir? Minha casa, talvez. — Para casa — menti. — Estou indo para casa. — Depois, me perguntei por que tinha mentido. Era importante que aquele estranho pensasse que eu tinha uma casa para a qual estava indo? Ou só não queria que ele percebesse que eu sabia pouco sobre mim mesma, sobre qualquer coisa?

— Vou levar você para casa — anunciou ele. — Entre.

Eu me surpreendi totalmente por querer ir com ele no mesmo instante. Dei a volta até o lado do passageiro e abri a porta. Então, parei, confusa.

— Na verdade, não tenho casa — falei. Fechei a porta e dei um passo para trás.

Ele se inclinou e abriu a porta.

— Olhe — disse —, não posso deixar você aqui. Você é uma criança, pelo amor de Deus. Vamos, pelo menos vou levar você para algum lugar onde não esteja chovendo. — Ele procurou algo no banco de trás e pegou um pano grande e grosso. — Aqui tem um cobertor. Entre e se cubra.

Eu não estava desconfortável. A umidade não me incomodava e eu não estava com frio. Mas queria entrar no carro com ele. Não queria que ele fosse embora sem mim. Assim que tive mais alguns instantes para absorver seu odor, percebi que tinha um cheiro... bem interessante. Além disso, eu não queria parar de conversar com ele. Sentia quase tanta